



## **Movimento histórico da agroecologia nos Ceffas do Espírito Santo** *Historical development of agroecology in Ceffas of Espírito Santo*

SIQUEIRA, Leonardo; RIBEIRO, Luiz; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel

<sup>1</sup>Instituto Federal do Espírito Santo, leobsf06@hotmail.com; <sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, luizribeiro@live.com; <sup>3</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, isabelantunes@fae.ufmg.br

### **Eixo Temático: Educação formal em agroecologia**

**Resumo:** Este trabalho tem o objetivo de apresentar a origem da agroecologia nos Centros Familiares de Formação em Alternância (Ceffas) do estado do Espírito Santo. Os Ceffas, desde sua transição para agroecologia, iniciada na década de 1980, junto dos movimentos sociais, vêm enfrentando o sistema capitalista de produção, que durante os últimos 50 anos fez uma verdadeira devoção à Revolução Verde, defendendo a falsa ideia de que o agronegócio é o único capaz de gerar renda e sobrevivência aos povos do campo. A metodologia utilizada foi entrevista narrativa com um monitor (educador) aposentado que acompanhou todo o processo de implantação da agroecologia nos Ceffas do estado do Espírito Santo. Os resultados apontam que a evolução do sistema agroecológico está enraizada nas relações sociais, por isso a agroecologia vai além do uso de práticas alternativas e do manejo de ecossistemas sem uso de insumos químicos, ela busca também, através de uma visão crítica do sistema agrícola de produção, a superação dos problemas socioambientais.

**Palavras-Chave:** história; escolas; famílias; agrícolas; trajetória.

**Keywords:** story; schools; families; agricultural products; trajectory.

### **Introdução**

Os Ceffas, também conhecidos como Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), têm um papel fundamental na fortificação da agroecologia no estado do Espírito Santo. Acompanhando o movimento nacional da agroecologia a partir dos anos 1970, tiveram sua parcela de contribuição na história dessa atividade neste estado, fato que é pouco destacado em trabalhos científicos. Assim, este trabalho se propõe a apresentar a trajetória da agroecologia nos Ceffas e também a sua abrangência enquanto ciência multidisciplinar, perpassada por relações sociais, políticas e técnicas, sendo os sujeitos os protagonistas de sua implantação. Ela se fortificou como uma alternativa, de vida e produção, diante do pacote tecnológico da agricultura “moderna”, e descentraliza todas as formas de dependência mercadológica, fortalecendo também a agricultura de base familiar. Junto aos movimentos sociais, a agroecologia busca enfrentar o abismo entre ricos e pobres, negros e brancos, homens e mulheres, além de buscar autonomia técnica para os agricultores em sua produção de base agroecológica e familiar.

A pedagogia da alternância, que é a orientação pedagógica dos Ceffas, é um sistema de formação cujo princípio educativo e a aprendizagem são organizados em função do trabalho, permitindo períodos de formação na sede da escola que se alternam com períodos no meio socioprofissional. O estudante vivencia, de forma alternada,



experiências de formação na escola, conjugadas com as experiências que a família e a comunidade lhe proporcionam, durante o período em que permanece em alternância no meio familiar. A pedagogia da alternância surgiu justamente num momento de ausência de políticas públicas direcionadas ao povo camponês, no período entre as Guerras Mundiais, momento em que o mundo sofria grandes transformações econômicas e sociais. Ela nasceu na França em 21 de novembro de 1935, na comunidade de Sérignac-Péboudou, a primeira experiência de Escola Agrícola, que posteriormente em 1937 passa a se chamar Maison Familiale Rurale (MFR), sob liderança do Padre Abbé Granereau e forte participação dos agricultores familiares. Naquela época, a agricultura francesa sofria fortes transformações que ampliavam o êxodo rural. Foi neste contexto que os agricultores organizados criaram as Maisons Familiares Rurales, preocupados com a formação de seus filhos e a melhoria do seu meio.

A experiência bem-sucedida na França possibilitou a expansão das Maisons Familiares Rurales para outros países da Europa e da América Latina. O estado do Espírito Santo foi o anfitrião da pedagogia da alternância no Brasil, e é justamente no Brasil que encontramos a maior variedade de experiências educativas que se orientam pela Pedagogia da Alternância. As escolas de formação em alternância, na busca pela formação integral do jovem, trabalham com o tripé educador-estudante-família, cada um desempenhando seu papel de forma que se possibilite uma equação equilibrada na formação. Os educadores como orientadores do processo de aprendizagem; a família para apoiar e cumprir sua função como célula social, que deve reunir as condições para o desenvolvimento equilibrado do ser humano; e o jovem, como sujeito da formação. Dessa forma, os Ceffas se propõem a ofertar a Educação Profissional Técnica, realizada na forma integrada com o ensino fundamental e médio, com Habilitação Técnica em Agropecuária, embasada nos princípios da Agroecologia.

## **Metodologia**

A investigação proposta desenvolveu-se por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa, sendo o sujeito pesquisado um monitor (educador) já aposentado nos Ceffas. A escolha se deu devido ao fato de este sujeito ter acompanhado e participado de todo o processo de inserção da agroecologia nos Ceffas. Para coleta dos dados foi utilizada a técnica de entrevista narrativa, em uma oposição ao esquema de pergunta-resposta, de modo que o entrevistador impõe a estrutura selecionando temas de relevância para ele e não para o entrevistado. Jovchelovitch e Bauer (2007) afirmam que, para se ter uma versão menos impositiva e, para tanto, mais viável da perspectiva do informante, o entrevistador deve influenciar o mínimo possível, estando neste caso as regras da entrevista restritas a ele.

## **Resultados e Discussão**



A agroecologia, cuja composição da palavra e de suas práticas deriva de duas ciências – agronomia e ecologia –, apresenta proposições que vão muito além desta simples aproximação. Suas raízes estão no movimento da agricultura alternativa datado de meados dos anos 1970 no Brasil, influenciada pela onda de contestação nas formas de pensar, moldar e de viver a agricultura, vinda dos países mais desenvolvidos. Neste período o atual modelo agrícola começou a ser questionado devido ao seu potencial de agressão ao meio ambiente e à saúde da humanidade, dando lugar ao movimento conhecido nesta época como agricultura alternativa, cujos métodos de produção dispensavam uso de agrotóxicos, fertilizantes químicos e uma maior conservação do solo (GLIESSMAN, 2005; PETERSEN e ALMEIDA, 2006; CAPORAL, 2009). Para Pinto (2014), a agricultura alternativa foi o embrião da agroecologia e, mesmo como um movimento periférico à época, era responsável pelo embate ideológico e pelas críticas sobre o atual sistema de produção.

Este movimento foi chamado de alternativo por ter sido uma resposta ao pacote tecnológico da Revolução Verde, que prometia banir com a fome da humanidade maximizando os rendimentos dos cultivos e criações de animais. Protagonizada pela vanguarda de agricultores ecologistas, professores das universidades e movimento estudantil, a partir dos anos 1970, a agricultura alternativa começa a ganhar força no cenário acadêmico principalmente com a realização dos EBAA's – Encontros Brasileiros de Agricultura Alternativa, nas décadas 70 e 80.

Nos Ceffas o movimento por uma agricultura alternativa chega na década de 1980. Até então essas escolas se orientavam pela agricultura convencional, ou seja, pelo pacote tecnológico da Revolução Verde. Era comum o uso de insumos químicos na propriedade da escola, os monitores em sua maioria vinham das Escolas Agrotécnicas Federais, onde o Mepes (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo) fazia uma seleção de candidatos a monitores.

Eu comecei nos Ceffas em 1978, nesta época eu era o filho mais velho e papai falava assim, você tem que estudar para sair de casa. Era uma propriedade pequena e você não pode ficar, então eu estudava na Escola Agrotécnica de Santa Teresa e o Mepes fazia a seleção para monitor e eu fui indicado. Fiz uma prova de seleção e fui aprovado, daí eu fui para o centro de formação onde fiquei por um ano, neste período eu era estagiário. No centro de formação a gente aprendia toda a metodologia sobre a pedagogia da alternância, o sistema de agricultura ainda não era definido, era o sistema convencional mesmo. Em 1979 eu fui para Escola Família de Alfredo Chaves, eu era monitor-estagiário, ficava três semanas na escola como monitor e uma semana estagiando no centro de formação. Após um ano como monitor-estagiário fui transferido, agora como monitor, em 1980, para Escola Família Agrícola de Rio Bananal, nesta época a situação das escolas eram muito precárias, eu cheguei a dar aula de várias matérias porque não tinham professores. Posteriormente que eu assumi agricultura e zootécnica e também a coordenação da escola (Educador aposentado do Ceffa, entrevista realizada em março de 2019).

A partir de 1980 os Ceffas começam a refletir sobre uma nova forma de orientação agrícola, o que foi motivado pelos danos causados, principalmente, à saúde humana



pelos agrotóxicos – eram cada vez mais comuns agricultores e até monitores intoxicados com agrotóxicos. Simultaneamente acontecia no Brasil, na década de 1980, os EBAA – o Mepes, em 1981, foi convidado a enviar representantes ao primeiro destes encontros, em Curitiba. Em 1985, acontece o 1º Seminário de Agricultura Alternativa na Estação Experimental Mendes da Fonseca, Município de Domingos Martins, organizado pela Secretaria de Agricultura do Estado do Espírito Santo, momento em que é discutida a situação do movimento por uma agricultura mais sustentável no estado capixaba. Neste encontro o Mepes enviou monitores da área técnica, agricultura e zootecnia, visando uma mudança na orientação agrícola dos Ceffas.

Com o apoio da PTA/FASE (PTA – Projeto de Tecnologias Alternativas da ONG FASE – Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional) as escolas começam a partir da segunda metade da década de 1980, a buscar bases científicas e a se aprofundar na metodologia e nas técnicas, para assim iniciar um trabalho com orientação alternativa. Foi então que a pioneira Escola Família Agrícola, de Rio Bananal, começou a eliminar agrotóxicos e adubos químicos. De início, foi feita uma horta na frente da escola já com uso de técnicas alternativas, a qual teve a participação e o acompanhamento da PTA/FASE, servindo de espelho para os agricultores e monitores de outras escolas que a visitavam. Com o êxito da horta, as práticas alternativas foram sendo estendidas a outras atividades na propriedade da escola, como: café, milho, feijão entre outras culturas. Esse movimento na Escola de Rio Bananal impulsionou as práticas alternativas nas demais Escolas Famílias Agrícolas do Mepes. Em 1987, realiza-se o 2º Encontro Capixaba de Olericultura e o 2º Seminário de Agricultura Alternativa, dando continuidade às discussões do 1º seminário e reforçando a necessidade de enfrentamento ao pacote tecnológico da Revolução Verde. Neste segundo encontro houve uma participação mais ampla de monitores dos Ceffas, favorecendo a difusão e a implantação dos ideais da agricultura alternativa nestes centros. Em 1987 também houve a criação da Organização de Monitores das Escolas Famílias Agrícolas do Mepes (OMEFAM), cujo objetivo era lutar por melhores condições de trabalho dos monitores, tendo como linhas de atuação a agricultura alternativa, que se relacionava tanto à saúde dos monitores como ao tipo de agricultura que queremos para as escolas.

Assim, no fim da década de 1980 os Ceffas já tinham assumido a agricultura alternativa como forma de orientação agrícola, as propriedades das escolas já tinham passado por um processo de transição, o currículo já estava sendo aprimorado para esta orientação e os agricultores sendo motivados. A década de 1990 foi importante no sentido de fortalecer as práticas alternativas e marcar uma nova era dos Ceffas, um momento de tomar partido e de se contrapor ao pacote tecnológico da Revolução Verde, o que fez com que as escolas se aproximassem cada vez mais dos movimentos sociais. Da segunda metade da década de 1990 até início dos anos 2000, as escolas viveram a onda da agricultora orgânica, que em pouco tempo, após reflexões com os movimentos sociais, foi substituída pela orientação agroecológica. Portanto, foi a partir dos anos 2000 que a agroecologia se encontrou com o movimento dos Ceffas, quando as práticas ganharam mais aprofundamento científico. Antes o



foco de estudos era voltado apenas à questão técnica, já com a agroecologia aparecem outras dimensões importantes. Ela adentra nos Ceffas com uma visão ampla, não apenas na técnica, como era o caso da agricultura alternativa e orgânica, mas com dimensões técnicas, políticas e sociais. Autores como Miguel Altieri, Ana Primavesi e Sebastião Pinheiro trouxeram importantes contribuições para esta orientação, refletindo sobre o risco da técnica pela técnica, e pontuando que a agroecologia tinha uma dimensão muito maior que a tecnicista – era preciso abrir o leque para outras questões para assim alcançar a emancipação e uma melhor qualidade de vida dos agricultores. E os Ceffas seguiram nesta reflexão, tratando a agroecologia articulada com as dimensões técnicas, políticas e sociais, todavia a bandeira tecnicista sempre foi o pontapé inicial, porque são escolas de cursos profissionalizantes, formando técnicos em agropecuária, de modo que já existia um aprofundamento precursor na dimensão técnica.

## Conclusões

Este trabalho procurou de forma sucinta apresentar a trajetória da agroecologia nos Ceffas. Foi possível compreender que a agroecologia adentrou no contexto dos Ceffas a partir dos anos 2000, e que de 1980 até este ano houve um período de transição para um modelo mais sustentável de produção agrícola. Do movimento da agricultura alternativa, que tinha bandeira mais contestatória ao pacote tecnológico da Revolução Verde, até o movimento agroecológico, que nasceu com uma bandeira mais propositiva envolvendo movimentos do campo e da cidade, a abrangência produtiva da agroecologia evoluiu para campos multidisciplinares. Atualmente os Ceffas vêm cultivando a agroecologia em três campos: no campo técnico, produzir o máximo que o agricultor pode para o seu consumo, o máximo que ele pode para o comércio e depender o mínimo do mercado; no campo social, agroecologia é uma forma de vida, de respeito à natureza, ao agricultor, sua família e seu entorno; no campo político, aquele que optar pela agroecologia deve ser uma pessoa solidária e comprometida com as organizações sociais e suas bandeiras de luta. Assim, o que fizemos foi mostrar como a agroecologia nasceu e caminhou no interior dos Ceffas, sendo possível notar que ela teve suas particularidades institucionais nestes centros, mas, ao mesmo tempo, acompanhou a evolução, quanto a abrangência e conceitos, no Brasil e no estado do Espírito Santo.

## Referências

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia**: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. Brasília: [s.i], 2009.

GLIESSMAN, Stephen Richard. **Agroecologia**: Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável. 3ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2005.

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte na  
Democratização dos  
Sistemas Agroalimentares



JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. A entrevista narrativa. In.: GASKELL, George; BAUER, Martin. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 6ed. Petrópolis: Vozes, 2007. pp. 90-113.

PETERSEN, Paulo; ALMEIDA, Sílvio Gomes. **Rincões transformadores: trajetória e desafios do movimento agroecológico brasileiro – uma perspectiva a partir da Rede PTA**. ASPTA, Rio de Janeiro, 2006.

PINTO, Diogo Souza. **Identidades e Trajetórias de Educadores na Agroecologia**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica-RJ. 2014.